



EDITORIAL SEÇÃO TEMÁTICA

A história do paciente em psicoterapia de orientação analítica

Ana Paula Mezacaza Filippon^a
Renato Piltcher^b

^a Médica psiquiatra. Mestre em Psiquiatria pela UFRGS. Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). *Organizadora do XIX Simpósio Interno de Psicoterapia de Orientação Analítica.*

^b Médico e psiquiatra pela UFRGS. Psiquiatra do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre. Membro aspirante da SPPA. *Organizador do XIX Simpósio Interno de Psicoterapia de Orientação Analítica.*

O tradicional Simpósio Interno, que costuma reunir os sócios do CELG a cada dois anos, teve como tema *A relevância da história do paciente em psicoterapia* em sua XIX edição. O evento ocorreu no dia 9 de novembro de 2013 na sede da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e deixou a marca histórica de ser o primeiro a unir o CELG e a SPPA em uma atividade conjunta. Apesar da longa história de colaboração mútua e de terem um grande número de sócios em comum, essas duas instituições ainda não haviam realizado um encontro como esse.

A acertada escolha do tema partiu de um questionamento do atual presidente do CELG: em decorrência das extensas discussões sobre o papel das intervenções psicoterápicas realizadas no “aqui e agora” da dupla paciente e terapeuta, Paulo Fernando B. Soares perguntou se ainda havia espaço para o uso da história do paciente como ferramenta terapêutica.

Com o objetivo de propagar as ideias debatidas no encontro e ampliar o acesso do público aos temas discutidos, a Revista Brasileira de Psicoterapia dedica este número à publicação de alguns dos trabalhos apresentados.

Da primeira mesa-redonda, intitulada “A história na avaliação”, participaram Zelig Libermann, quem, trazendo uma contribuição teórica, discorreu sobre história, memória e resignificação; Lizete Pessini Pezzi, quem, com sua ilustração clínica, abordou a obtenção da história na avaliação; e Sidnei Schestatsky, quem realizou um apanhado teórico e clínico sobre o tema na atualidade. A segunda mesa-redonda, intitulada “Como eu uso a história”, contou com uma revisão teórica apresentada por Ruggero Levy e com

os ricos exemplos clínicos trazidos por Letícia Kipper, que também enfocou a história da dupla, e por Eneida Iankilevich, que teceu considerações acerca da história fática do paciente.

Para a discussão clínica, os participantes foram divididos em quatro grupos, que debateram o material de um paciente que chega ao tratamento dizendo não ter história para contar. Nesse momento, os colegas tiveram a oportunidade de ouvir uns aos outros, especialmente sobre a forma como trabalham e pensam a história do paciente em psicoterapia de orientação analítica.

Na atividade final do evento, que reuniu todos os participantes, a síntese e comentários de José Carlos Calich deram início à discussão da atividade clínica. Os grupos se posicionaram de forma bastante semelhante quanto à compreensão dinâmica do funcionamento psíquico do paciente. As maiores diferenças apareceram no referido à maneira de tratar a história. Alguns grupos deram mais ênfase aos elementos factuais, tentando entendê-los e detalhá-los, enquanto outros se preocuparam mais em entender o significado do material dentro do contexto associativo. Foi discutida também a forma de se coletar a história do paciente (mais ativamente ou mais espontaneamente). Em relação à valorização ou não da história factual, a tendência média entre os grupos foi a de considerar a história como algo que terá de ganhar significado. Foi colocado que não há como não levar em consideração a história do paciente, pois falar sobre aspectos da história é uma forma de se conhecer outra pessoa. A diferença reside no tipo de escuta que é oferecido, no que é valorizado na história e na forma como é usado o que se escuta. Dentro da própria linha psicanalítica já há diversas formas de escuta. Um mesmo fato pode receber diversos significados, e esses significados podem emergir em diferentes momentos de acordo com o processo psicoterápico. Entre os grupos e ainda dentro de um mesmo grupo houve variações na forma de entender o significado de dados factuais. Calich finalizou a sessão final do evento reforçando que a história é uma coisa em si e que cada escuta irá fazer uma transformação dessa história. Cada escuta tem suas dimensões e suas utilidades, e considerar uma das escutas como a verdade única vai contra a proposta de um tratamento psicanaliticamente orientado.

Nosso Simpósio segue com a tradição de ser um momento de encontro mais íntimo entre nossos sócios e de férteis discussões. Ficamos contentes por termos reunido dentro de um mesmo evento um público tão heterogêneo, com alunos do Curso de Especialização, sócios e professores do CELG, alunos e professores da SPPA e, ainda assim, termos conseguido gerar um debate produtivo em um clima de descontração.

A todos uma boa leitura!

Correspondência

Ana Paula Mezacaza Filippon
Rua Dom Pedro II, 1240/506. Bairro São João.
90550-141 - Porto Alegre/RS.
anafilippon@yahoo.com.br

Submetido em 21/12/2013

Aceito em 15/01/2014